

O ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E JOVENS: um problema transnacional

Maria Lucia Vieira Violante *

FRAWLEY-O'DEA, Mary Gail. *La perversión del poder – abuso sexual dentro de la Iglesia Católica*. México, Lectorum, 2008, 350p.

Frawley-O'Dea é norte-americana, tem 58 anos, é doutora em psicologia clínica e possui diploma em psicanálise, tendo sido educada dentro da cultura católica irlandesa de Lowell, Massachusetts. Neste livro, *A perversão do poder*,¹ a autora analisa diversos fatores vigentes na sociedade – e não só na americana -, que sustentam e reproduzem o abuso sexual infligido por religiosos – pertencentes ou não à Igreja católica – contra crianças e jovens.

Trabalhou durante vinte e cinco anos com sobreviventes de abuso sexual sofrido na infância – “homens e mulheres que tinham sido violados ou sodomizados, e às vezes até torturados por membros de sua família, vizinhos, mestres ou os pais dos amigos”. Entretanto, com justa razão, considera que o abuso perpetrado por um clérigo é diferente, “seus crimes me pareciam ainda mais perturbadores que as histórias ‘comuns’ de abuso sexual”. Isto porque, via de regra, a criança devotava amor e confiança naquele que dela viria a abusar sexualmente, em nome de seu exclusivo prazer – a meu ver, levado antes pelos impulsos de Tánatos do que de Eros!

A autora denuncia a minimização da gravidade, quando não o descaso, da Igreja católica em relação ao problema do abuso sexual impetrado por clérigos contra crianças e jovens.

Embora reconheça que o abuso sexual de menores ocorre também em outras congregações cristãs e em outras religiões não cristãs – como na Igreja anglicana, nas congregações protestantes, entre rabinos judeus, clérigos islâmicos, monges budistas e dignatários de Hare Krishna -, ela indaga: se assim é, por que nos assombra tanto o escândalo de abuso sexual na Igreja católica?

E então, responde: “Creio que parte da resposta jaz na hipocrisia que esta demonstra. A Igreja católica nos diz que conhece a verdade e que vive a verdade dos princípios

morais que se derivam diretamente de Jesus Cristo. A Igreja é particularmente definitiva e rígida com respeito ao que é moralmente correto nas questões da sexualidade humana. Entretanto, enquanto os papas e outros funcionários falam com autoridade sobre como os seres humanos devem viver eticamente, eles têm presidido um escândalo moral da pior espécie: o abuso sexual de crianças e jovens por parte dos sacerdotes e o acobertamento eclesiástico destes crimes.”

Considerando o abuso sexual como um crime de poder, a autora analisa as relações de poder dentro da estrutura da Igreja, que estariam potencialmente implicadas neste verdadeiro escândalo. Ainda, analisa a falta de sensibilidade pastoral dos bispos e a influência do narcisismo eclesiástico na dinâmica e na conduta do episcopado, declarando que sua intenção é “oferecer estas interpretações como uma possibilidade que se deve levar em conta [...].”

Segundo a autora, se por um lado, os sacerdotes católicos, assim como os homens de outra condição social, têm abusado sexualmente de crianças há séculos, por outro, só recentemente este segredo tem saído à luz pública - devido a forças sociais e culturais internas e externas à Igreja. Desde então, ainda que tenha havido muitas mudanças, também muita coisa permanece igual, pois o ocultamento é a peça-chave do abuso sexual.

Atribui a esse ocultamento o fato de que “alguns perpetradores infundem silêncio, ao sugerir às vítimas que serão culpadas pelo abuso, que serão afastadas de seu lar e levadas a um orfanato ou algo pior”. Relata o caso de um paciente que, na infância, o padre abusador lhe advertiu que se ele contasse a alguém a respeito do sexo oral ao qual era submetido, “Deus o odiaria e ele se queimaria no inferno junto com sua família”. A crença generalizada de que as mulheres são sedutoras e capazes de levar o homem a perder a cabeça leva esses pedófilos a culparem suas vítimas, constatando-se que tal incidência é maior no caso das meninas do que no dos meninos abusados sexualmente.

No meu entender, tal ocultamento do abuso sexual dá-se mais em relação aos outros. Contudo, mais grave do que isso é o desmentido que incide na relação entre o abusador e sua vítima, o que a leva a duvidar de seus próprios anseios e percepções. Este é o caso, conforme relatado pela autora, de um coroinha que, após ajudar o padre a rezar uma missa, este último se posta atrás dele para pretensamente ajudá-lo a tirar a bata. Mas, quando a sobe, com uma das mãos mantém-na sobre o rosto do menino, enquanto que com a outra, abre o zíper de sua própria calça, pressionando seu pênis ereto nas costas dele. Cego pela bata, o menino só pode permanecer em pé, até que o padre, depois de gemer e de inclinar-se mais uma vez em sua direção, o solta – não sem antes passar uma toalha sobre suas costas sujas de esperma, “dizendo-lhe entre dentes que o radiador de vapor havia-lhe feito suar. Dá-lhe umas palmadinhas nas costas e diz-lhe que apague a luz antes de se retirar. Não se menciona absolutamente nada do que acaba de acontecer.”

De acordo com a autora, a maioria dos escritores localiza em 1983 a origem da crise contemporânea da Igreja católica sobre o abuso sexual, ocasião em que surgiram as primeiras acusações contra um padre, na Louisiana, “que é profundamente católica” – ainda que seja o primeiro caso tornado público, o escândalo se repete pelos vinte anos subsequentes. Caso emblemático por ela relatado é o do chamado padre Gilbert Gauthé.

Ele era “o amável pastor da paróquia [...]. Os paroquianos apreciavam sua disposição, empatia em relação aos problemas econômicos e sociais da congregação e sua interação com a juventude paroquial. Passava grande parte de seu tempo livre com os meninos que estavam sob seus cuidados, especialmente os menores, e inclusive os levava regularmente a passar a noite na casa de campo de um dos paroquianos”. Craig, um menino de 9 anos de idade, contou a seus pais que, numa noite, o padre o havia acochado. Comovido, o pai relatou o acontecido a seus filhos maiores, a fim de saber se o mesmo havia sucedido com eles e estes, além de revelarem ao pai que o padre os havia molestado sexualmente, também deram-lhe os nomes de outros meninos. O pai entrou em contato com o advogado da localidade, para averiguar o que deveria fazer. Este chamou o Tribunal Diocesano em Lafayette, Louisiana, falando com o Monsenhor Henri Larroque. O pai do menino e o advogado ficaram surpresos quando este Monsenhor os informou que aquela cidade era a sexta designação do padre, depois que, em 1973, o bispo soubera que ele havia molestado sexualmente algumas crianças. Desde então, simplesmente mudava-se o padre de jurisdição... Mas, desta vez, pressionado pelo advogado e pais dos garotos, o bispo Frey instruiu finalmente o Monsenhor para que destituísse o padre daquela paróquia. Então, vários embaixadores da Igreja começaram a intimidar a família Sagrera e o advogado para que não fossem adiante e que se alguém se machucasse a culpa seria deles. O advogado insinuou ao Monsenhor que poderia abrir um processo contra o padre abusador e a Igreja, e o Monsenhor lembrou-lhe que ele tinha sido um bom estudante católico e que um bom menino católico nunca processaria sua Igreja.

O advogado abriu processo em nome das vítimas de seis famílias. Muito dinheiro rolou das seguradoras da diocese para pôr fim às denúncias, documentos foram arquivados. Entretanto, um escrivão alertou um repórter local e a imprensa começou a investigar o caso. Além do processo civil contra o padre e a diocese, o fiscal do distrito da localidade apresentou denúncias criminais, que incluíam violação e posse de pornografia infantil. Em outubro de 1985, o padre foi sentenciado a vinte anos de prisão; foi liberado após dez anos; não obstante, ao reincidir e abusar de uma criança de 3 anos de idade, foi preso novamente e outra vez posto em liberdade, em 2002, após o que não se soube mais de seu paradeiro.

Frawley-O’dea conclui que “O abuso sexual põe à prova nossa fé na bondade do ser humano. É incômodo imaginar meninas e meninos sendo obrigados a introduzir um pênis

em suas boquinhas sem se sufocar. É desconcertante substituir a realidade de meninas e meninos de 10 ou 11 anos de idade que encontram um língua dentro de sua boca, umas mãos esfregando seu pênis ou clitóris ou um pênis introduzido à força em sua vagina ou em seu reto. É repulsivo imaginar meninos e meninas adolescentes sendo apossados com álcool, maconha ou filmes pornográficos e depois sendo manipulados, violados ou sodomizados. É ainda mais perturbador imaginar qualquer destas ações ocorrendo em altares, confessionários ou na cama de uma casa paroquial com um crucifixo pendurado sobre a cabeceira.”

Por fim, a autora considera que “o escandaloso é o encobrimento” e que “a tragédia da crise do abuso sexual se torna mais evidente”, quanto mais se reconhece quão vital e efetiva a Igreja católica é para muitas pessoas, no aspecto espiritual, educativo, econômico e social.

Recebido em abril/2008; aprovado em maio/2008.

Notas

* Psicóloga, Professora Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC/SP. Rua Girassol, 1540 – ap. 32. Vila Madalena – 05433-002. São Paulo/SP. Tel.: 3815-2461. e-mail: mlviolante@terra.com.br

¹ Traduções minhas.